

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DAS AULAS REMOTAS

RENATA LOPES DE OLIVEIRA¹

RESUMO

A pandemia da Covid-19 modificou profundamente o cenário social e trouxe impactos nas mais diferentes esferas, dentre elas destacamos o âmbito educativo e os processos de alfabetização e letramento. Diante da necessidade de isolamento e distanciamento para evitar a circulação do vírus, o espaço escolar precisou ser reformulado, as aulas remotas se tornaram uma alternativa possível. Nesse sentido, objetivamos refletir sobre os desafios e possibilidades para o processo de alfabetização e letramento no contexto das aulas remotas. Para tal nos fundamentamos nas discussões desenvolvidas por Magda Soares que destaca a importância de alfabetizar letrando, ou seja, inserindo a criança na cultura escrita, bem como dialogamos com Paulo Freire quando ele destaca a importância da alfabetização contextualizada, de partir da leitura de mundo do educando e amplia-la com o domínio da escrita. Metodologicamente nos utilizamos da observação participante, no ambiente virtual de uma turma do 2º ano da Rede Municipal de Fortaleza, e realizamos entrevista semiestruturada com a professora regente. Dentre os principais desafios identificados nessa pesquisa destacam-se a dificuldade de acesso às ferramentas digitais, o baixo grau de letramento dos tutores das crianças, a dificuldade da escola em acessar essas famílias, bem como as condições de trabalho docente e o pouco domínio da tecnologia digital. Dentre desse cenário, as videochamadas individualizadas, os roteiros de atividades encaminhados com antecedência, a seleção e uso de vídeos educativos da internet e principalmente a construção de relações de parceria com as famílias apareceram como possibilidades para viabilizar minimamente a alfabetização e letramento das crianças.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Pandemia. Aulas remotas.

1 Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. renatalopesh@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 modificou profundamente o cenário social e trouxe impactos nas mais diferentes esferas, dentre elas destacamos o âmbito educativo e os processos de alfabetização e letramento. Diante da necessidade de isolamento e distanciamento para evitar a circulação do vírus, o espaço escolar precisou ser reformulado, as aulas remotas se tornaram uma alternativa possível. Nesse cenário, o presente trabalho buscou apresentar e analisar algumas práticas de alfabetização e letramento realizadas com a turma de 2º ano do ensino fundamental numa escola da rede pública de Fortaleza, durante o período pandêmico.

Nosso objetivo central é compreender como se deram os processos de alfabetização no contexto do ensino remoto, destacando metodologias, desafios e possibilidades. Bem como estabelecer um diálogo crítico entre o que foi vivenciado como práticas de alfabetização no contexto das aulas remotas e os estudos desenvolvidos na área de alfabetização e letramento, tendo por referência as contribuições de Magda Soares e Paulo Freire.

Magda Soares (2004; 2020; 2021) destaca a importância de alfabetizar letrando, ou seja, mais que codificar e decodificar os signos da língua a escola deve inserir com competência a criança na cultura escrita. Paulo Freire (1991) por seu turno destaca a importância da alfabetização contextualizada, de partir da leitura de mundo do educando e ampliá-la com o domínio da escrita. Esses autores são fundamentalmente significativos pois evidenciam que não basta decodificar letras, compreender código, silabar textos, é preciso proficiência leitora, saber fazer o uso social da língua, saber ler o mundo e refletir sobre ele. Assim que alfabetização e letramento são processos que visam em última instância formar pessoas autônomas que pensam, agem, pesquisam, informam-se, constroem opiniões em interações com o mundo, com os textos, com os contextos e com os outros.

Para a realização dessa pesquisa metodologicamente nos utilizamos do estudo de caso, desenvolvido a partir da observação das interações desenvolvidas no ambiente digital da turma de 2º ano de uma Escola da Rede Municipal de Fortaleza e da realização de entrevista estruturada com a professora alfabetizadora da turma. Na análise dos dados fazemos uma exposição das estratégias de alfabetização e

letramento realizadas em ambiente virtual e as percepções da professora sobre seu fazer em contexto pandêmico, bem como dialogamos com as contribuições de Magda Soares e Paulo Freire sobre o processo de alfabetização e letramento, observando em que medida as ações desenvolvidas se aproximam e se distanciam da perspectiva de alfabetizar letrando conforme nos coloca Magda Soares, ou ainda, de alfabetizar de forma contextualizada segundo o pensamento freireano.

Acreditamos ser urgente diagnosticar a situação decorrente dos anos de pandemia e das aulas remotas, em especial no que se refere as práticas de alfabetização e letramento, afim de que a retomada do ensino presencial se faça consciente e comprometida com a superação das dificuldades e carências que advém desse contexto.

METODOLOGIA

Esse trabalho apresenta uma abordagem qualitativa (BOGDAN & BIKLEN; 1994), assim sendo nos propomos a compreender dos processos educativos de alfabetização e letramento no contexto pandêmico, a partir de uma abordagem que privilegia a aquisição de dados descritivos e a pormenorização dos detalhes que constituem o contexto de investigação e não em se produto final.

Metodologicamente nos utilizamos do Estudo de Caso que se caracteriza por utilizar uma amostra específica, reduzida e bem delimitada e em torno dela adquirir uma grande quantidade de informações, de maneira a aprofundar a compreensão do fenômeno estudado.

Assim sendo, utilizamos como ferramentas metodológicas a observação do ambiente virtual de aprendizagem, no caso o grupo do whatsapp da turma de 2º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Fortaleza, localizada no Vila Manoel Sátiro - Fortaleza/Ce e realizamos a entrevista estruturada com a professora, responsável pela disciplina de Língua Portuguesa para compreender como ela pensa seu fazer didático-pedagógico voltado para o letramento e as estratégias utilizadas no processo de alfabetização e letramento em contexto de ensino remoto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto pandêmico reconfigurou o espaço de aprendizagem, aprofundou desigualdades sociais e intensificou os problemas da educação brasileira, dentre eles a alfabetização e letramento inadequados das crianças. Mesmo com a retomada das aulas presenciais, ainda não temos como definir o impacto deste período, mas sabemos que a alternativa do ensino remoto não se constituiu como ação efetiva que possibilitasse a alfabetização e letramento das crianças da rede municipal de ensino de Fortaleza.

Analisando a Lei nº14,040, de agosto de 2020 que garante às escolas públicas e privadas a oferta do ensino remoto durante a pandemia, não observamos uma orientação precisa de como ele deveria ser conduzido. As orientações tratam de garantir a carga horária de trabalhos dos docentes e os dias letivos, mesmo que em atividades pedagógicas remotas. Porém, quando fazemos uma rápida pesquisa no google, a ideia que surge em torno das aulas remotas são professores e alunos dialogando em tempo real, através de plataformas digitais e com o uso de equipamentos eletrônicos (fone, computador, notebook). Entretanto, essa não corresponde à realidade do ensino público com as aulas remota no Brasil para uma parcela significativa da população brasileira, em especial as crianças do campo e as crianças da periferia dos grandes centros urbanos, que estudam na rede pública de ensino ou em escolas privadas de pequeno porte localizadas em bairros periféricos.

Na turma que acompanhamos o ambiente virtual de aprendizagem era um grupo criado pela professora no aplicativo do whatsapp com aproximadamente 70 pessoas, abrangendo as duas turmas nas quais lecionava, neste grupo eram encaminhadas as atividades a serem realizadas pelas crianças. Os encontros sincrônicos e a interatividade eram praticamente inexistentes, devido a demanda dos pais/responsáveis que trabalham em horário comercial/escolar, ou ainda, não dispunham de equipamentos eletrônicos. Assim sendo, a professora encaminhava uma lista com as atividades pedagógicas para o mês inteiro, dividida por dias e conteúdo. Paralelo a isso, observamos orientações em torno das atividades a serem realizadas, indicação de filmes, livros de literatura virtuais, músicas, links do youtube tratando sobre algumas temáticas de estudo. Outra característica era a solicitação de fotos das

atividades realizadas, para acompanhar esses estudantes, devolutiva raramente recebidas e quando ocorria, normalmente fora do horário do expediente escolar.

Expomos esse cenário para visibilizar as dificuldades referentes ao desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento nesse contexto, desafio que perpassa a falta de acesso a equipamentos eletrônicos e internet por parte dos estudantes; a ausência de local apropriado para os estudos; a jornada de trabalho dos tutores; a falta de familiaridade de pais e professores com o modelos do ensino remoto e como o uso das tecnologias digitais; a ausência de formações dos docentes para atuarem nesse período e o formato pouco atrativo dessa metodologia para as crianças. O cenário é descrito pela professora:

Logo que aconteceu toda essa problemática, causou um impacto muito negativo. Pois famílias que não possuíam nem um nível de letramento, sem nenhum tipo de conhecimento sobre algumas coisas mais complexas em relação às tecnologias, tendo que auxiliar os filhos em algo que nem eles mesmo tinham. Isso atrapalhou demais a alfabetização e o multiletramento.

Um dos aspectos que mais contribuiu foi a dificuldade da família entender a importância de estar mais presente.

Fomos pegos de surpresa, tanto a escola, professores, pais e alunos, tivemos que nos desdobrar para conseguir acompanhar. Como fiz minha faculdade EAD, já tinha a prática de estudar de forma remota. Mas os alunos foram pegos de surpresa. Para que eles não perdessem a rotina, passamos a enviar os roteiros, buscando sempre flexibilizar de acordo com cada família. Visando todas as dificuldades enfrentadas por eles. (Professora A, entrevista realizada em junho de 2021)

A colocação da professora explicita, ainda, a diferenciação entre os processos de alfabetização e letramento, pois embora esses fenômenos sejam complementares são distintos. O primeiro se refere à compreensão dos signos e a decodificação da escrita, ao passo que o segundo se refere ao uso social da escrita, perpassando as habilidades de análise, interpretação e produção de textos. Para Silva (2020)

Entende-se a alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se o letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. (SILVA, 2020, p.92)

Magda Soares (2003) reconhece as especificidades de ambos os processos, porém destaca ser um erro conceitual dissociar alfabetização e letramento, pois estes são processos interdependentes e indissociáveis, de tal forma que a autora utiliza-se da expressão “alfaletrar”. Assim sendo, na perspectiva linguística da psicogênese a entrada de crianças e adultos no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: “pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento” (SOARES, 2003, p.14).

Ainda dialogando com a fala da professora citada anteriormente, destacamos que o ensino remoto tal como observamos inviabilizou/dificultou as práticas de alfabetização e a construção de um ambiente alfabetizador (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) entendido como espaço pensado para favorecer a participação ativa dos estudantes em práticas de leitura e escrita. Espaço no qual estejam à disposição das crianças uma variedade de produção do mundo letrado, inclusive as feitas por elas mesmas. A ideia desse ambiente é aproximar as crianças de materiais que dialoguem com a realidade social delas, que incentive o seu interesse pelo mundo das letras, porém o fundamental é a interação/orientação do professor na análise e exploração do material, de modo que corrobore com o letramento entendido como o uso social da escrita. Como destacam Ferreira e Teberosky, a participação ativa das crianças nesses momentos de letramento é o que configura um ambiente alfabetizador.

Separados pelas telas smartphones, o processo de alfabetização em contexto de multiletramentos ficou bastante difícil, seja pela ausência de um ambiente alfabetizador, de momentos para a re/contação

de história, da interação direta professor-aluno com reflexões em tornos do gênero literários e a utilização de técnicas de apropriação do sistema de escrita alfabética contextualizadas. A ausência desse ambiente, muitas das vezes oferecidos unicamente pelo ambiente presencial escolar, acabam por favorecer, em tempos de ensino remoto, o reforço das perspectivas mais tradicionais de alfabetização, entendida como codificação e decodificação.

Em nossa observação de campo, um ponto que se destacou foi a prática do ditado, como mecanismo para identificar como os estudantes estavam se apropriando da escrita, porém sabemos os riscos de usar esse recurso sem a contextualização, como foi o caso da prática observada, apenas para exercitar a codificação. Entretanto, mesmo essa prática aparentemente simples, foi desafiadora, pois para sua realização necessitou-se da colaboração das famílias, de internet e equipamentos eletrônicos. Assim mesmo tendo sido marcado com antecedência que grupo de criança participaria da atividade e o horário de realização, adaptações foram necessárias, como atendimentos individualizados de acordo com o horário que a criança teria acesso ao smartphone para receber a chamada de vídeo da professora, problemas como oscilação na rede de dados móveis e qualidade dos eletrônicos também se fizeram presentes.

Dialogando com a fala da professora em torno das dificuldade com o letramento e pensando as problemáticas decorrentes da ausência de um ambiente alfabetizador, trazemos uma fala de Magda Soares, em entrevista pro canal Nova Escola, na qual ela analisa os impactos da isolamento social para os processos de alfabetização e letramento, destaca a importância do contato das crianças com o mundo da escrita, bem como aponta possibilidades de intervenção da escola com vistas a favorecer contextos de letramento mesmo diante da pandemia.

Os desafios em relação ao letramento, ou seja, a introdução da criança na cultura da escrita, ao desenvolvimento do contato com o material escrito, realmente no que se refere às escolas públicas, isso se torna difícil nessa fase da quarentena. Porque, em geral, não possuem o material escrito, ou tem pouco acesso a material escrito. Que é o que se faz ao lado de ensinar a ler e escrever.

O que a escola pode fazer, o que a escola deve fazer sobre esses aspectos é enviar as famílias livros de literatura

infantil, incentivar os pais e familiares a lerem histórias para as crianças, a observar o que vem escrito na conta da água (...) para a criança compreenda que a escrita é usada como uma forma de informação, de comunicação entre as pessoas.

É muito importante a leitura de histórias para as crianças, embora haja também uma técnica, uma forma específica de ler uma história para uma criança. (...) É difícil imaginar, um pai, uma mãe, um tio, uma avó que tenha dificuldade de leitura fluente, e que leia uma história para criança soletrando, ou silabando. Isso mais prejudica do que ajuda. Mas só o fato de a criança poder manipular livros, folhear, ver que o livro é feito de letras, tudo isso ajuda do ponto de vista do letramento. Mas, também, o letramento é algo a ser feito de forma planejada, com fundamentos teóricos e literários, que as professoras é que são formadas para isso.

Em síntese, tanto alfabetização como letramento estão sofrendo muito mais que outras áreas, outras disciplinas, outras fases da escolarização por essas razões. (...) As crianças vão estar defasadas quando voltarem à escola. O que é mais importante nesse momento, talvez seja, dar continuidade, tal que é possível fazer. (...) mas o mais importante será já planejar a volta das crianças, como retomar o processo, como dar continuidade ao processo, tendo um diagnóstico de onde elas chegaram, ou não chegaram durante esse período de quarentena. (SOARES, NOVA ESCOLA, 2020)

As colocações de Magda vão ao encontro da realidade relatada pela docente que evidencia os desafios ao letramento, relacionando-os ao baixo grau de letramento dos pais. Embora a docente também destaque a pandemia fez com que as famílias se tornassem mais presente na vida escolar das crianças, bem como possibilitou a escola conhecer um pouco mais sobre a realidade dos educandos. Assim, durante a pandemia, mesmo os pais e familiares enfrentando dificuldades de compreender as atividades propostas nos livros e as orientações dos docentes para os estudos dirigidos, a professora entrevistada destaca que foi imprescindível a participação das famílias para que as crianças conseguissem progredir, ou mesmo não regredir, nos estudos no contexto do ensino remoto.

O letramento da criança é o mais difícil, pois dependemos dos pais, pois são eles quem irão fazer essa mediação. Como muitos não sabem o que fazer, acaba dificultando. A verdade é que não tem uma forma fácil de conduzir a alfabetização de forma remota. Se falarmos que existe estamos mentindo. Não é fácil, pois o aluno precisa de muita disciplina e sabemos que são poucas famílias que se dedicam. Na hora de orientar os pais, tento ser bem objetiva nas atividades. Quando a família tem dificuldade, busco atender de forma individual pelo Whatsapp. Esse ano temos famílias mais participativas, que buscam acompanhar suas crianças, mesmo com todos os desafios do dia a dia. (Professora A, entrevista realizada em junho de 2021)

Segundo as colocações da professora entrevistada o letramento, ou melhor a alfabetização em contexto de letramento, apareceu como o principal desafio desse período pandêmico, pois decodificar palavras sem que elas estejam ligadas a situações concreta de uso, como: a possibilidade de se emocionar com uma história, ou compreender as instruções para a montagem de um brinquedo, ou ainda, mandar uma mensagem no whatsapp, é pouco instigante e nada significativo. Outra questão que se destacou foi a referente a disciplina, entendida aqui não como comportamento, mas como hábito de estudos, tempo e espaço pensado pedagogicamente para o aprendizado. Precisamos frisar que nem todas as crianças que chegaram à turma do 2º ano analisada tinham vivenciado a educação infantil, e que basicamente todas as crianças que estavam na turma vinham de um 1º ano realizado em modelo remoto. O ciclo da alfabetização seria uma fase na qual a crianças adentrariam mais sistematicamente a uma rotina pedagógica que propiciaria o hábito do estudo, o aprender a estudar, isto foi prejudicado pelo contexto de isolamento social e distanciamento, de tal forma que a retomada as aulas presenciais para esse público implicará uma reaproximação e apropriação do ambiente escolar, que alguns sequer chegaram a conhecer.

Outra atitude que acompanhamos no grupo dos whatsapp foi o encaminhamento de livros de literatura infantil em pdf e links, entretanto sem uma orientação de como usá-lo, sem contextualizá-lo dentro de uma atividade, sem o reforço da importância do ato de ler para uma criança, ficando a cargo dos pais abrir o link ou não, ler o ignorar. Nesse

cenário desponta, ainda, como desafio material o peso do arquivo, a qualidade dos dados móveis para baixa-lo, o desafio de ler pelo celular.

Como observadora uma alternativa aos textos em pdf seria a construção de malas de leitura itinerantes, pegues na escola e depois devolvidas para ela, pra que fosse higienizadas e encaminhadas a outra criança, junto com essas malas poderia ir uma cartinha da criança que pegou a mala anteriormente, com desenhos e textos, contando sua experiência, qual livro mais gostou, dizendo do seu dia, como forma de exercitar a função social da escrita, num contexto real. Sabemos que seria uma atividade trabalhosa, porém plenamente possível. Entretanto mantém-se a percepção que garantir a integridade física dos livros e recursos didáticos da escola é prioridade.

Para Magda Soares (2003, p.16.), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” De acordo com a autora, apenas ensinar a ler e a escrever é insuficiente, não basta alcançar níveis de alfabetização funcional onde as pessoas leem e escrevem e não são capazes de comunicar, de fazer uso desse conhecimento numa esfera social.

Salientamos ainda, que o letramento deve ser visto como uma forma de encontrar significado e prazer nas leituras que se desenvolvem tanto em ambiente escolar como fora dele. Nesse sentido é fundamental termos clareza que a escola mesmo sendo a instituição socialmente designada para conduzir de forma pedagógica e sistematizada o processo de alfabetização e letramento, ela não tem hegemonia absoluta no processo, pois cada vez mais a cultura escrita faz parte da rotina das crianças, perpassando os mais variados gêneros textuais como: os outdoors, panfletos, manuais de brinquedos, encartes de propaganda, etc. Diante desse fato podemos afirmar que as crianças trazem diferentes bagagens de letramento, ofertadas no ambiente familiar e social, antes de ingressarem no âmbito escolar, como diria Paulo Freire a leitura do mundo precede a leitura das palavras, e a leitura do mundo deve ser ampliada com o domínio da escrita, possibilitando uma leitura crítica da realidade e potencializando sua transformação. De tal forma, para Freire alfabetizar:

“E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas

numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos educação e educação é um ato fundamentalmente político”.(FREIRE, 1991, p.8)

Paulo Freire conceitua o processo de alfabetização de maneira distinta das ideias de Magda Soares e Emília Ferreira, pois para ele o ato de alfabetizar já comporta a dimensão da leitura do mundo. Sem objetivar entra no debate teórico em torno da conceituação do termo alfabetização, o que nos interessa é perceber a importância da articulação entre texto e contexto, mundo vivido e mundo da palavra, de tal forma que o domínio das ferramentas da leitura e da escrita sejam uma forma de expressão, análise, compreensão e intervenção no mundo.

Outra questão que merece destaque é a valorização dos saberes prévios dos educandos, das vivências que mesmo as crianças mais jovens trazem para o ambiente escolar, uma vez que numa perspectiva das teorias críticas da educação é impossível pensar os educandos como tábulas rasas. Partindo da percepção dos estudantes como autores sociais produtores de conhecimento e com vivências ímpares, é importante destacar a potencialidade do fazer coletivo, da aprendizagem colaborativa, uma vez que as crianças têm trajetórias específicas dentro do processo de alfabetização e letramento a partir de suas vivências sócio-culturais.

Vejamos a seguir como a professora descreve sua prática pedagógica a partir do tripé saberes prévios, ludicidade e fazer colaborativo.

Em sala minha prática com alunos era trabalhar de forma lúdica, buscava sempre trazer as vivências dos alunos através de exemplos do seu dia a dia. Fazia sempre a prática de leitura, dividia os alunos por níveis e trabalhava de forma cooperativa entre eles, os que já dominavam o assunto e a leitura ajudava os que estavam em um nível menor. Com a realidade da pandemia, se perdeu muito essa interação, pois agora ficou aos cuidados da família, onde boa parte não possui entendimento adequado para exercer esse papel. Essas atividades que eram feitas passaram a ser de forma individual, através de chamada de vídeo.

Hoje, uma das estratégias que tenho utilizado, é fazer videochamadas, pois me aproximo mais deles, e tenho uma noção do grau de dificuldade que se encontram.

Sempre busco trazer o lúdico, usando filmes, músicas... Uma das minhas estratégias é usar vídeos educativos. Infelizmente nem todos interagem como o esperado, poucos são os que dão retorno. Como a turma do 2 ano não há uma avaliação escrita, mas sim diagnóstica, faço isso quando fazemos a vídeo chamada. (Professora A, entrevista realizada em junho de 2021)

A fala da professora destaca a importância do lúdico no processo de alfabetização e letramento, de adentra ao mundo da imaginação, de capta a atenção dos estudantes para o universo das palavras, tornando a aprendizagem prazerosa e divertida, evitando que o processo de alfabetização se reduza ao enfadonho esquema de memorização, cópias e repetições.

Destaca, ainda, a importância do trabalho cooperativo, com base na interação, na troca de experiência e no intercâmbio de saberes, dialogando com as teorias da aprendizagem que enfatizam a cooperação e a interação, afinal a aprendizagem não se faz no isolamento. Outra questão que merece ser pontuada é a ideia da avaliação como diagnóstico, entender como está o percurso desses estudantes, para a partir disso pensar em estratégias de aprendizagem, se não para por em prática imediatamente, para planejar essa retomada das aulas presenciais. De sua falamos inferimos como o ensino remoto impactou em sua prática de alfabetizar ao dificultar o trabalho com o lúdico, de construir um ambiente interativo/cooperativo e ao inviabilizar uma avaliação competente que permitisse traçar caminhos para a superação das dificuldades.

Por fim, destacamos que a alfabetização é o letramento são direitos sociais, fundamental para a construção de uma cidadania plena, sendo o analfabetismo uma expressão concreta de um sistema político, econômico e social injusto, excludente, racista, machista e escravagista. Assim, para nós o compromisso com a alfabetização e o letramento é um compromisso ético e social na construção de uma sociedade, mais justa e mais humana por meio da educação. De tal forma que é urgente entender o que foi vivenciado como prática alfabetizadora na pandemia, avaliar os prejuízos e traçar novos caminhos para que nossas crianças tenham acesso competente ao domínio da leitura e da escrita e aos usos sociais que se fazem delas de forma a ampliem sua cidadania ativa e participativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, esse trabalho evidenciou a necessidade de no retorno as aulas presenciais intensificar o processo de alfabetização e letramento de nossas crianças, pois foram inúmeras as dificuldades enfrentadas pelas escolas e famílias com o ensino remoto. Dentre os principais desafios identificados nessa pesquisa destacam-se a dificuldade de acesso as ferramentas digitais, o baixo grau de letramento dos tutores das crianças, a dificuldade da escola em acessar essas famílias, bem como as condições de trabalho docente e o pouco domínio da tecnologia digital.

A quarentena interferiu no processo de aquisição da leitura e da escrita, o que perpassa não apenas o debate em torno das questões didático-pedagógicas, mas envolve uma reflexão sócio-política e econômica. Pois a pandemia e o modelo de aulas remotas evidenciaram a desigualdade educacional, tendo como uma das fases mais visível a falta de acesso a ferramentas digitais, embora abarque outras questões como o baixo letramento dos tutores das crianças, o abismo que separa os pais da escola, as precárias condições do trabalho docente e a ausência de uma política pública específicas para enfrentar este momento pandêmico e garantir o mínimo de equidade social e educacional.

Nessa conjuntura, as vídeo chamadas individualizadas, os roteiros de atividades encaminhados com antecedência, a seleção e uso de vídeos educativos da internet e principalmente a construção de relações de parceria com as famílias apareceram como possibilidades para viabilizar minimamente a alfabetização e letramento das crianças. Assim sendo, o trabalho conjunto entre escola e família, no qual os pais ou responsáveis acompanham as atividades escolares, organizam os materiais e preparam o espaço de estudo; e a professora selecionam o conteúdo, orientava as atividades, sugeria jogos, livros e links. Temos consciência que essas medidas foram incipientes, entretanto foi o possível de ser feito em contexto pandêmico, no qual a prioridade era garantir a vida e a segurança dos profissionais, das crianças e suas famílias.

Por fim, destacamos que com a retomada das aulas presenciais podemos identificar com maior clareza os déficits educacionais gerados pelo contexto pandêmico, bem como reafirmar nossa crença na

potencialidade da escola e na ação dos educadores para a construção de um ambiente alfabetizador, lúdico, interativo, colaborativo e crítico, com possibilidade de formar uma criança autônoma que lê, registra, compreende e cria, interagindo com o mundo em que vive e intervindo nele.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

JERUSALINSKY, Julieta. Ser bebê, criança e adolescente na pandemia: cuidar e educar nas encruzilhadas psíquica e os riscos da COVID-19. In: **Revista Criança uma abordagem transdisciplinar**. Peças Soltas, Julho, 2020. Disponível em: <https://lalalingua.com.br/>. Acesso: 05, jun.2021.

FERREIRO, E. e TEBEROSKYA. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4), SP

SILVA, Alexsandro da. et al. **Práticas de Alfabetização**: Processos de Ensino e Aprendizagem. Recife: Ed. UFPE. 2020.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. Letramento e alfabetização as múltiplas facetas. In: **Revista Brasileira de Educação**. (nº 25). ANPED, Minas Gerais, Jan /Fev /Mar /Abr 2004 No 25, p.5-17.

SOARES, Magda Becker. Leitura e alfabetização: estratégias e ferramentas para o ensino remoto [Entrevista concedida a] **Nova Escola**. Canal do youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sy8UcWPI2Ks> Acesso em: 10 jul. 2021.